

Mulheres-exemplo!

Mulheres negras contam sua história.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres.

Brasília: Presidência da República, 2013.

O livro *Mulheres negras contam sua história* reúne 14 histórias de mulheres autodeclaradas negras, de todo o território nacional, ganhadoras do Prêmio Mulheres Negras Contam sua História (PMNCH), promovido pela Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), em parceria com a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), ambas ligadas à Presidência da República do Brasil.

O edital do PMNCH foi lançado em novembro de 2012, a divulgação do resultado e a premiação aconteceram em abril de 2013. O lançamento do livro ocorreu na ocasião da Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial, em 6 de novembro de 2013.

Dentre as histórias, sete enquadram-se na categoria redação, e sete, na categoria ensaio. As cinco primeiras vencedoras de cada categoria receberam prêmios em dinheiro, e as demais, no total, quatro candidatas, menções honrosas por seus textos.

Nas narrativas, as autoras contam suas próprias histórias ou a de alguma outra mulher negra: parente, artista ou militante. Todas elas têm, em comum, relatos de luta, seja política, ideológica, individual, coletiva, consciente ou inconsciente. Algumas mais acadêmicas; outras, verdadeiras *experts* no enfrentamento de obstáculos impostos pelo racismo. Algumas artistas; outras, professoras, psicólogas, enfermeiras, médicas, jornalistas, militantes, etc.

Essa obra constitui-se como uma produção relevante, uma vez que se insere na discussão contemporânea sobre a temática das relações étnico-raciais e as suas interseccionalidades com gênero, sexismo, racismo, etc. Nesse sentido, buscou-se resgatar o anonimato de mulheres negras invisibilizadas, mostrando seu papel de protagonistas na construção da história deste país, conforme relatou, na apresentação do livro, a atual ministra chefe da SPM, Dr.^a Eleonora Menicucci.

Da luta individual que cada uma delas travou, ao longo de suas vidas, frutificaram textos que tornam a obra inovadora e singular, pois, na maioria das vezes, elas eram entes sociais excluídos e marcados pelas opressões: da discriminação racial, do sexismo, do machismo, da xenofobia, da pobreza e da ausência de políticas públicas reparadoras.

O livro demonstra que as mulheres negras brasileiras são lutadoras, resilientes, persistentes, corajosas e vitoriosas! Dando voz a essas mulheres, obtivemos a oportunidade de conhecer a realidade de muitas delas. Trata-se de uma leitura para aprender, emocionar-se e, sobretudo, inspirar-se! A seguir, apresenta-se uma pequena sinopse de cada texto do livro.

Creuza Maria Oliveira escreveu um texto enxuto, objetivo e significativo, cujo assunto principal é a situação da empregada doméstica no Brasil. Em "Minha luta é para ver tornar-se real o sonho do trabalho doméstico decente", ela conta sua própria história desde a infância e a necessidade de se engajar no trabalho doméstico aos 14 anos. Relata o início da sua militância em favor da causa das empregadas domésticas, passando pela carreira política, como liderança de sindicato, até a conquista de prêmios relacionados aos direitos humanos e à indicação para o Prêmio Nobel da Paz.

Eliana A. S. Pintor, em "O direito ao narcisismo", faz uma análise psicológica sobre o narcisismo e a função do espelho na sociedade,

denunciando a lacuna que os negros brasileiros encontram quando procuram pessoas, conquistas, feitos e orgulho nacional para se espelharem. Ela utiliza histórias de alguns momentos da própria vida ou de pacientes anônimos, para exemplificar sua tese. Este texto é útil para psicoterapeutas abertos à reflexão sobre suas condutas profissionais no que diz respeito às relações étnico-raciais.

Glória Maria Gomes Chagas Sebaje escreveu "O bullying e a criança negra na escola pública, até quando?", um trabalho inteligente, crítico e sensível, muito bem escrito. A autora começa sua história pela infância, relatando o enfrentamento do racismo em um estado de maioria branca, o Rio Grande do Sul; analisa o bullying contra a criança na escola, especificamente a negra, e faz uma interessante observação da escassez de trabalhos acadêmicos abordando essa questão.

Marisol Kadiegi, em "Do luto à luta: a história de três continentes marcados pelo racismo", conta sua própria e dramática história. Angolana, nascida na província de Kuanza Norte e filha do líder máximo de sua comunidade, foi subjugada à orfanidade após uma invasão liderada por um dos partidos envolvidos na guerra civil angolana. Ela conta detalhes das agruras que sofreu durante a sua infância em um campo de refugiados no Zaire, hoje República Democrática do Congo, sua passagem por um orfanato, em Portugal, até sua adoção por uma família brasileira. Infelizmente, porém, essa adoção não melhorou as suas condições; pelo contrário, foi escravizada e teve seus direitos humanos fortemente violados. Refugiou-se na fé e nos estudos, formou-se em jornalismo e, atualmente, é bem-sucedida. Teve a oportunidade de reencontrar sua família quando, mais uma vez, passou por momentos dramáticos em sua terra natal.

Em "Raquel Trindade: a Kabinda", Raquel Trindade da Silva faz um relato de sua vida de artista e filha mais velha do poeta Solano Trindade. Cita trechos de música, aromas e sabores ao longo de sua narrativa, com uma beleza simples e, ao mesmo tempo, profunda, como só artistas fazem. Narra histórias de discriminação racial e das dificuldades enfrentadas por quem deseja fazer arte no Brasil. A história de Raquel, hoje com 76 anos, lalorixá, escritora, pintora, professora de História do Negro, presidente do Teatro Popular Solano Trindade e muito mais, é linda e singular.

Claudenir de Souza, em "O trabalho doméstico no Brasil", não conta especificamente a própria história, e sim a do coletivo que representa: o das empregadas domésticas. A

personagem principal de sua narrativa é Laudelina de Campos Melo (1904-1991), que, em 1936, fundou, com o apoio de quadros do Partido Comunista, na cidade de Santos, a primeira Associação de Domésticas do Brasil. Laudelina é tida como referência internacional na luta por direitos, valorização e respeito às empregadas domésticas. Claudenir fecha seu texto com uma contundente análise sobre os efeitos que uma sociedade machista, patriarcal, capitalista neoliberal e ex-escravocrata imprime sobre as mulheres negras pobres e subordinadas ao trabalho doméstico.

Claudia Marques de Oliveira escreveu "O risco de ser mulher negra: entre a emoção e a razão". A primeira metade desse texto é doce, marcado pela beleza da identificação com seu povo de origem quilombola. Na segunda, Cláudia assume um discurso de denúncia, militante e heroico na luta contra a discriminação e o racismo. Nessa parte, ela conta sua trajetória acadêmica e as inquietações, advindas de fatos ocorridos na escola onde trabalha, que a motivaram na escolha de sua linha de pesquisa: congada, povos quilombolas, relações étnico-raciais e pedagogia.

Dóris Regina Barros da Silva produziu um texto de altíssimo nível, fluido, de leitura agradável: "Teias da memória e fios da história: laços e entrelaços". Também fala docemente de sua infância e crítica a falta de pedaços dos laços de memórias de seus ancestrais para entrelaçar-se e compreender-se melhor no mundo. Lutadora, conseguiu graduar-se por volta dos 30 anos de idade. Sofreu com situações de discriminação racial, de gênero, sexismo e machismo. Dialoga com a literatura com maturidade acadêmica.

Patrícia Lima Ferreira Santa Rosa, em "Universidade pública: sonho direito ou pretensão?", conta a sua saga para ingressar na universidade pública de maior prestígio de São Paulo. Relata seu engajamento temporário em duplo vínculo empregatício, a necessidade psicossocial de recuperar o "tempo perdido" e a sensação de que era obrigada a pagar uma dívida da qual não se lembrava de ter feito. Ela demonstra, no seu relato, que, apesar de o ponto de partida de negros pobres ser diferente, no sentido de estarem em desvantagem, o desempenho requerido na linha de chegada é o mesmo para todos os candidatos.

Tássia do Nascimento, em "Vozes-mulheres", fez um ensaio "poema em prosa". Em sua narrativa, todo o tempo entrelaça poemas, reinventando, com criatividade, o próprio poema-narrativa, contando as histórias das mulheres de

sua família: ancestrais – mãe, avó e bisavó. Tássia é muito habilidosa com as palavras. Há forte erudição no seu texto. Sem dúvida, o melhor e mais rebuscado ensaio!

Valdenice José Raimundo tem texto limpo, fácil e rápido de ler, intitulado “Para além das expressões perversas do racismo: uma história de conquistas”. Objetiva, como uma boa acadêmica, procurou salientar suas conquistas e vitórias, não dando tanta importância para as derrotas. “Tornou-se negra” à medida que adquiriu consciência de sua negritude. Lutou para estudar. Sua história é semelhante à de Patrícia Lima Ferreira Santa Rosa: de vitórias conquistadas com luta na universidade pública. A autora estudou mulheres negras de favela no mestrado e juventude negra no doutorado.

Leila Regina Lopes, em “Dita-identidade quilombola”, conta a emocionante história de sua mãe, hoje com mais de 80 anos de idade, que foi separada de sua família quando criança para trabalhar em casa de família, perdendo totalmente o contato com os membros dela. Sua mãe os reencontrou décadas depois na sua comunidade natal, quando participou da luta pelo reconhecimento da origem quilombola do território, em um evento organizado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Na ocasião, houve uma cerimônia, que contou com a presença do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Daria um ótimo enredo/roteiro de filme!

Ângela Maria Benedita Bahia de Brito, em “Negra Ângela: exceção à regra”, conta sua história, que, na coletânea, diferencia-se pelo fato de a autora ser proveniente de família com alto nível de educação formal e bem-sucedida socioeconomicamente. Estes fatores determinaram o seu futuro e o de suas filhas, todas, com educação superior, fluentes em outros idiomas, conhecedoras de outros países e incluídas nas sociedades onde viveram. Seu relato é dramático, pois, apesar do favorecimento socioeconômico, sofreu com o preconceito racial em todos os estados onde residiu. É militante ativa do movimento negro.

Jurema Pinto Werneck escreveu “Macacas de auditório? Mulheres negras, racismo e participação na música popular brasileira”, um trabalho de excelente qualidade e comprometido em resgatar o anonimato de mulheres negras, como Chiquinha Gonzaga, Tia Ciata, Araci Cortes, Carmem Costa, Dolores Duran e Elza Soares, inseridas na cultura popular brasileira entre os séculos XIX e XX. Jurema disserta sobre as vidas, as histórias e a participação dessas artistas no contexto mencionado. Além disso, reconhece o protagonismo coletivo das chamadas “macacas de auditório”, termo utilizado como título do ensaio e que se trata de uma expressão discriminatória, criada para se referir à presença feminina negra predominante nos auditórios de rádio, nas décadas de 40 e 50 do século XX.

O livro “Mulheres negras contam sua história” publicou o pensamento produzido por mulheres negras a partir de suas lutas individuais ou coletivas, apresentando suas vivências relacionadas às desigualdades ou suas impressões sobre o que presenciaram. Essas histórias trazem uma compreensão abrangente sobre desigualdades, qualificando dados quantitativos presentes na literatura científica que denunciam a situação vivida pela população negra no Brasil e mais agudamente sofrida pelas mulheres negras.¹ Além disso, esses dados podem viabilizar a elaboração de políticas públicas para o enfrentamento dessa problemática.

Notas

¹ Marcelo PAIXÃO et al., 2011.

Referências

- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. *Mulheres negras contam sua história, 2013*. Brasília: Presidência da República, 2013.
- PAIXÃO, Marcelo et al. *Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil; 2009-2010*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. Disponível em: <<http://tinyurl.com/qclmh7t>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

Patrícia L. F. Santa Rosa ■
Universidade de São Paulo